



## ANA PAULA LISBOA

MARÉ

---

Ana é a mais velha de quatro irmãos, filha de dois pretos. Favelada e carioca de nascimento, atualmente divide a vida entre o Rio de Janeiro e Luanda, onde dirige a produtora cultural Aláfia.

Escritora, publicou contos e poesias em coletâneas nacionais e internacionais. Desde 2016, escreve periodicamente para a revista feminista AzMina e para o Segundo Caderno do jornal O Globo. Em 2018, lança-se como âncora do web programa “Querendo Assunto”: três mulheres que dividem um sofá numa conversa leve e perpassada por suas militâncias, lugar de fala e vivências.

# HEROÍNA

Ana Paula Lisboa

Ela era toda inquietude sentada ali esperando, as coxas grossas espremidas uma contra a outra e o pé direito que balançava bem rápido no ar, deixando ainda mais à mostra sua impaciência.

“Damiana, comece de onde você está. Use o que você tiver. Faça o que você puder”. Ela tinha loucura de decorar frases motivacionais e dizer para si mesma, no imperativo e em terceira pessoa.

Andava nas ruas repetindo mentalmente “Damiana, nunca se deixe abalar pelo que os outros dizem, você veio neste mundo para fazer a diferença” ou “Damiana, você tem uma alma linda e corajosa”. Mas naquela tarde ela era o oposto de qualquer frase motivacional.

- Ainda vai demorar muito?

Planejou mentalmente encenar sentir o telefone vibrar, fingiria não ouvir bem a ligação, faria algum sinal que significasse “preciso atender”, então sairia disfarçadamente e bem rápido, e nunca mais voltaria à sala de espera de uma mãe de santo. Achava que se corresse bem rápido os dias magicamente voltariam a ser comuns, de acordar, decorar e repetir frases, pegar ônibus, dançar forró e não precisar de adivinhações.

A sala de espera era também sala de estar, o sofá coberto por um tecido de chita de flores vermelhas, uma estante de livros onde o único título que sua miopia a deixava ler era “Meio Sol Amarelo”, porta-retratos com fotos de formatura, “lembança de Porto de Galinhas”, um espelho de moldura dourada, um vaso transparente de flores artificiais sobre um paninho de crochê.

- Demora não, ela está só tomando um banho e já vem.

Morria era de medo do Candomblé. Criada na Umbanda, ouviu desde sempre que a outra tal religião era muito pesada. Mas era por Zé, Zé valia a pena a ida até a Baixada Fluminense, porque “Damiana, macumba boa é macumba longe”. Fazia tempo ela esperava o cumprimento da promessa que uma irmã da Igreja lhe revelou quando ela tinha 17 anos, dizendo que seu varão viria coberto de ouro e que ela então esperasse e não aceitasse nada menos que isso. Damiana conheceu Zé no forró da Feira de São Cristóvão e na noite ele usava uma correntinha de ouro tão limpa e brilhante que só poderia ser ele.

“Coberto de ouro...” - lembrou-se. Mas a certeza do pecado de voltar à Igreja só para orar por Zé depois de tantos anos longe do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, a fez pensar em outras alternativas.

No desespero, um dia chegou a ligar para esses anúncios de “trago seu amor em 7 dias” mas, sem coragem, desligou antes que marcassem a consulta. A ansiedade permanecia desde que uma amiga indicou mãe Márcia de Oxum e ela seguiu roendo as unhas no trem até Coelho da Rocha.

- É que eu ainda tenho tantas coisas para fazer hoje, inclusive minha mãe está me ligando.

Falar da mãe fazia parte do início da possível encenação, mas Damiana pensou mesmo nela, que ficaria horrorizada se soubesse onde a filha estava e clamaria alto pelo sangue de Jesus. A mãe havia se convertido ao Evangelho e levado toda a família, mas anos antes de chegar à Assembleia de Deus, irmã Dorinha era uma devotada praticante do que hoje seu pastor chamava de feitiçaria.

Damiana sempre deu trabalho: aos dois anos, o receituário pedia um banho de pipoca para acalmar espíritos que perturbavam seu sono. A criança dormia pouco, quando dormia acordava chorando alto e berrando. Aos dez anos, apareceu uma ferida no pé de Damiana, a ferida fez bolhas, as bolhas estouraram e deram origem a outras feridas, e outras bolhas, e novas feridas e novas bolhas. Dessa vez, Damiana, já entendida, ouviu da vovó o conselho de, na vida, ter cuidado onde colocasse o pé. A mãe precisou segurá-la quando a senhora acendeu uma vela e pingou a cera quente nas feridas. O misterioso era que Damiana não sentia queimar os pés, o que queimava era a cabeça e o peito, por isso gritava, parte pela dor, parte pelo medo do desconhecido. Sete pingos de vela derretida nos pés, um banho de aroeira e em dois dias as feridas estavam cicatrizadas.

- Minha filha, que linda você é!

E Damiana era bonita mesmo: de corpo, tinha a cintura que se deixava abraçar por um único braço; de rosto, a pele escura feito terra boa para plantação.

Recebeu um grande abraço de mãe Márcia, que tinha os seios fartos, a pele marrom e macia, o cabelo com cheiro de mato molhado depois da chuva. Internamente comentou consigo que mãe Márcia parecia jovem demais para uma mãe de santo, mas tinha os olhos de uma senhora velha e sábia, ar de nobreza e ancestralidade. Mãe Márcia lembrava sua avó e Damiana costumava passear com ela, que rogava baixinho e sorrindo pragas a qualquer um que a importunasse na rua, nunca desejando a morte, mas uma diarreia aguda para o resto da vida da pessoa e sua descendência.

Também herdou da avó o costume de acender velas às segundas-feiras para as almas e às sextas para Oxalá. Damiana não se lembrava bem quando é que a fé havia partido e ela se dedicado a acreditar apenas em si mesma, trocando as velas por frases motivacionais que repetia mentalmente como "Damiana, você nunca será boa o suficiente para todos, mas será perfeita para a pessoa que te merece". Sabe-se é que a fé voltou quando conheceu Zé e que voltou até a acender velas, velas vermelhas.

Diferente do que Damiana imaginou, mãe Márcia a levou para o quintal da casa. Sentaram-se numa mesa bem embaixo de uma mangueira, um cachorro preto e idoso passeava tranquilo. Damiana viu mãe Márcia desenrolar um tecido branco e estender na mesa com cuidado, como quem cobre um filho para que ele não sinta frio à noite.

Jorginho agora tinha dez anos, dessas crianças que te sorriem sem motivos, criado por dona Dorinha desde sempre. Damiana tinha a certeza de que filho só dava valor depois que a mãe morria e ela queria alguém que lhe desse valor em vida. Houve o tempo de ser mãe, mas quando o sentiu mais independente disse para si "Damiana, filho é para o mundo e você também"!

- Minha filha, quem abre seu jogo é Oxum, "aquela que lava as joias antes de lavar os filhos", não é mesmo? Mas parece que tem um homem bonito de Xangô por aqui...

Zé também era bonito, um tom de pele avermelhado, usava sempre chapéu e a chamou pra dançar forró numa noite quente de fevereiro, falou besteiras em seu ouvido durante toda a música. Damiana ria e ficava excitada de pensar no suor deles se misturando ali na frente de todo mundo. Transaram aquela noite no banco de trás do carro dele, um Fiat Uno 1995.

- Sim, ele mesmo, é Zé!

Durante semanas Zé enviou para Damiana SMS de frases motivacionais e 'bom dia' todas as manhãs. No restante do dia ele enviava outras mensagens, dizendo como eles transariam à noite e como ele tiraria a calcinha dela. Damiana dava sorrisinhos e escondia o celular no sutiã enquanto lavava o chão da enfermaria do hospital em que trabalhava como auxiliar de serviços gerais. Eles transavam todas as noites em que conseguiam se ver, quando Damiana não estava fazendo plantões de 12 horas seguidas ou Zé dando atenção para outras mulheres.

- É ele sim, mas...

- É ele sim, mas você já sofreu bastante, né, minha filha? Não chega não?

Quando os SMS diminuíram, o ciúme aumentou e, quando eles pararam, Damiana passou a se esconder no banheiro para fazer ligações durante o horário de trabalho dezenas, centenas de vezes. Algumas vezes ele atendia, outras não, já não era mais o mesmo. Um dia avistou o Fiat Uno 1995 e, só depois de acenar, reparou na mulher no banco do carona. Viu bem que era a mesma que Zé jurava nunca ter prestado atenção. Resmungou baixo uma praga sobre barriga inchada de diarreia aguda.

De tanto insistir, na noite em que conseguiu a visita de Zé em sua casa, Damiana fez um jantar surpresa. Aprendera numa revista de banca de jornal uma simpatia para "prender homem" e assim o fez: passou por todo o corpo um bife de alcatra, enfatizando a passada pelas partes que mais lhe interessava, depois fritou, acebolou e serviu com arroz branco.

Na manhã seguinte ao jantar, quando recebeu a notícia da prisão de Zé, disse a si mesma: "Damiana, nunca se culpe por um dia ruim. Dias bons nos trazem felicidade, dias ruins nos trazem experiência. Ambos são essenciais em nossas vidas".

Afinal havia conseguido, Zé agora era só seu. Para pagar a vida na cadeia, advogados e especialmente as visitas íntimas, Damiana passou a cobrir os plantões das colegas de trabalho, vendeu a casa e se mudou para uma quitinete. Valia a pena todo e qualquer trabalho e sacrifício que a lembrasse que agora ele era todo seu. Sozinha, quando se via pensando em Zé, Damiana não o imaginava em casa. Pensava nele na cela, no suor e no cheiro de mofo.

- Eu só quero saber o que eu tenho que fazer para ele ficar aos meus pés para sempre!

Ao sair, o primeiro presente que recebeu de Damiana foi uma corrente de ouro nova. Ele tinha o tom de pele acinzentado, as bochechas inchadas, o corpo esquisito. Damiana o achou lindo, tomaram o primeiro banho juntos, dormiram abraçados depois de um ano. A casa apertada era tudo o que ela podia chamar de paraíso, mas que não durou muito.

- Sabe, minha filha? Diz que Oxum era uma jovem muito bonita, rica, que tinha o homem que quisesse e que ganhava muitos presentes. Tinha ouro, prata, vestidos maravilhosos, pentes de marfim. Até que um dia chegou na aldeia um jovem tocador de tambor, Xangô: bonito, forte, boa vida... Oxum se sentiu logo atraída, mas foi rejeitada. Ela insistiu tanto que ele a tomou. Ela achou então que ele estava apaixonado, mas que nada. Ficava com ela mas continuava desdenhando e humilhando a jovem. Passou o tempo, e a fortuna e a fama de Xangô acabaram, ele ficou tão envergonhado que foi morar longe da aldeia, mas continuava orgulhoso e vivendo de confortos e prazeres. Oxum achou que seria a oportunidade de fazer ele se apaixonar, foi consolá-lo e deu a ele tudo que tinha, para o conforto do amado. Primeiro as joias, depois o ouro, os vestidos, os pentes, por fim até os espelhos. Não lhe restou mais nada além de um vestido branco, que era tudo que ela tinha para vestir.

- Mas aí ele se apaixonou por ela?

- Contam que todos os dias Oxum lavava no rio a única peça que lhe restou. De tanto lavar, a roupa branca tornou-se amarela e foi só aí que Xangô a amou.

Damiana sorriu.

- Mas, minha filha, eu estou vendo aqui um moço de Ogum bem bonito no seu caminho, mas como sempre, a gente é quem decide.

Se abraçaram no portão e na despedida mãe Márcia a chamou de “minha dourada”.

“Damiana, o ponto de partida para qualquer conquista é o desejo”, disse para si quando entrou no trem. Ao seu lado sentou-se um homem, no pescoço uma corrente dourada e um pingente de São Jorge matando o dragão.

---